*A alma têxtil*, Mia Couto

Há séculos que o coronel Aníbal Covas está sentado na varanda da sua casa, olhos fixos no horizonte como se receasse assustar o tempo. A varanda abre para uma praça igual à de todas as aldeias de Trás-os-Montes. Os olhos verdes e mudos contemplam não a igreja e o casario de pedra mas uma imaginária mata cerrada de África, onde ele combateu faz agora cinquenta anos. O coronel não tem visitas, não espera carta, não tem telefone. Está reformado o militar, aposentados estão os seus sonhos. A mulher saiu de casa, os filhos fingem ser órfãos de nascença, os vizinhos evitam qualquer intimidade. Com as botas presas ao chão e medalhas pesando-lhe no peito, o velho militar é um anjo fardado: não morre nem vive.

Um certo dia, a família — que vive numa cidade distante — decidiu contratar uma enfermeira que tomasse conta de Aníbal Covas. Respondeu ao anúncio uma moça que dava pelo nome de Angelina Salgueiro. Não cobrava quase nada, apenas o suficiente para que a família ficasse de consciência leve. <>

Seguindo as instruções da família, Angelina fez-se passar por uma mulher-soldado e apresentou-se devidamente fardada na residência de Aníbal Covas. À porta de casa colocou-se em posição de sentido e manteve-se em continência enquanto estendia a falsa carta de reco- mendação.

*— Apresenta-se a oficial de campo Angelina Salgueiro. Ao seu serviço, meu coronel.* <>

Angelina retirou da sua mala uma caixa de costura. Lentamente, começou a bordar uns panos. Nesse instante, o coronel repreendeu-a com severidade.

*— Que absurdo, uma militar dedicada à costura?*

*— Eu explico, meu coronel: esta é uma missão de que fui incumbida. O que bordo nestes panos são mensagens codificadas. Enviamos estes lenços bordados para os nossos agentes infiltrados nas forças inimigas.*

*— Códigos secretos em lavores de mulheres? Não lembra ao diabo.*

*— Exatamente por isso, meu coronel. Ninguém imagina que há mensagens cifradas em lenços de algodão. Posso ensiná-lo a costurar, o senhor podia ajudar...*

*— Costurar, eu? Está maluca?*

Permaneceram calados durante um longo momento. Até que o coronel trouxe à baila uma lembrança: a da esposa, chamada Celestina, sentada a seu lado com uma caixa de costura igual àquela. Só agora ele percebia o sentido daqueles lavores: Celestina bordava para suturar a alma. Na caligrafia dos fios enviava recados secretos para a mulher que sonhara ser. Foi nestes termos que Celestina se explicou quando anunciou que saía de casa para nunca mais voltar. Mais tarde enviou uma carta para lhe confessar que abandonara o lar por uma outra razão. Durante a noite, do leito do casal emergiam lamentos e queixumes. Aos poucos, Celestina foi capaz de decifrar essas vozes: eram gritos de crianças. Escapavam não pela boca do marido, mas pelos poros, como se fossem gotas de suor.

*— Não fui eu que as matei, oficial Angelina. Vi essas crianças morrer. E nada fiz para que não acontecesse.*

*— O senhor ainda se sente culpado? — perguntou Angelina.*

*— Não se pode sentir culpa por aquilo que não tem perdão.*

No assalto às bases do inimigo o coronel Covas dava ordem aos soldados para que não fizessem prisioneiros. Ei-lo agora, prisioneiro do que foi, a alma para sempre amarrada ao uniforme. As lembranças que aos poucos o militar foi partilhando com Angelina tombavam como as folhas das árvores africanas, pegadas de demónios que nunca envelheciam. E o coronel atravessando, imóvel, essa pátria que nunca foi dele.

Vendo-o tão derrotado, Angelina sentou-se no chão junto à cadeira do coronel e pousou sobre as pernas de Aníbal Covas os panos, as agulhas e o novelo de linhas.

*— Todos estes materiais são dela, da Celestina — murmurou Angelina.*

O coronel debruçou o rosto sobre os joelhos como se o peito fosse um abismo. Depois, pegou na caixa, levou-a ao rosto e aspirou o cheiro dos panos. Os seus olhos eram da cor das folhas que ele mesmo pisara na savana africana. O coronel chorava, os dedos entrelaçando os panos como se bordassem.

Angelina tocou-lhe nas mãos. Depois acariciou-lhe o rosto. *Vai ficar tudo bem, meu coronel,* afirmou. Covas contemplou o rosto da moça e estremeceu. Tinha medo dos profetas, mais medo ainda dos sonhadores. E o sonhador, naquele momento, era ele mesmo.

*— Tire essa roupa, eu ajudo-o a despir-se — sussurrou Angelina, começando por lhe desapertar as botas. — Tire essa roupa e venha para o seu quarto.*

*— O que está a fazer, oficial Angelina?*

*— Sou eu, a Marília.*

Angelina, aliás, Marília, conduziu o atarantado Aníbal Covas pelo corredor enquanto escutava a sua voz cada vez mais frágil: Oficial Angelina, que afronta ao decoro militar, vou participar desta sua conduta...

*— Eu ajudo-o a sair dessa farda. Veja, meu pai, trouxe o seu velho pijama. O senhor vai sair para sempre dessa farda.*

Nessa noite o velho coronel dormiu como se nunca tivesse havido guerra.